



ESHOJE

25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

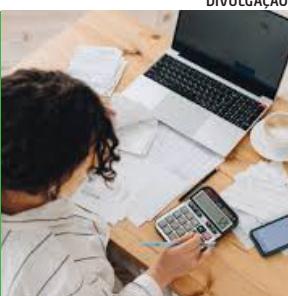
Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 2 de outubro de 2025)) Ano XXV)) Nº 1198
Edição Gratuita Diário)) www.eshoje.com.br

 /eshoje  @eshoje  eshoje  eshoje

ECONOMIA
60 milhões
negativados
no Brasil)) 4

DIVULGAÇÃO



ARTIGO
O silêncio
como grande
oratória)) 2

DIVULGAÇÃO



CULTURA
Memória
da valorização
comunitária)) 5

INGRID WELIDA



De saúde à segurança: datas, fatos e feriados de outubro

O antepenúltimo mês do ano chega com um feriado nacional de origem católica, e uma das campanhas de conscientização em saúde mais consolidadas do país)) 3

DIVULGAÇÃO



FERNANDO CARREIRO

O silêncio eloquente da grande oratória

Houve um tempo em que o Congresso Nacional brasileiro não era apenas um palco de votações e manobras regimentais, mas um verdadeiro laboratório de ideias. A tribuna parlamentar era o púlpito da República: espaço de erudição, coragem e densidade intelectual. Ruy Barbosa, Ulysses Guimarães, Carlos Lacerda e tantos outros não falavam para algoritmos. Falavam para a História. Cada frase era trabalhada como quem talha pedra, consciente de que a palavra bem construída é arma, escudo e legado.

Basta lembrar a tarde de 5 de outubro de 1988, quando Ulysses Guimarães promulgou a Constituição Cidadã: “A Constituição certamente não é perfeita. Ela própria o confessa ao admitir a reforma. Quanto a ela, discordar, sim. Divergir, sim. Descumprir, jamais. Afrontá-la, nunca. Traidor da Constituição é traidor da Pátria.” Não era apenas retórica; era um pacto. Em outro momento, anunciou: “A Nação quer mudar. A Nação deve mudar. A Nação vai mudar.” Cada pausa, um golpe de martelo, cada antítese, um convite à reflexão.

Décadas antes, Ruy Barbosa já havia elevado a palavra a categoria de princípio: “Justiça atrasada não é justiça, senão injustiça qualificada e manifesta.” Pa-

ra emendar, outro discurso que mais se assemelhava a uma sinfonia: “A regra da igualdade consiste em aquilhoar desigualmente aos desiguais, na medida em que se desigualem.” Frases que sobreviveram ao tempo porque foram feitas para durar, não para viralizar.

Carlos Lacerda, apesar de figura controversa que dividia opiniões, representava a escola do verbo cortante. Combativo, ácido, mas preparado, jamais subia à tribuna sem estudo — e sem escudo. Seu discurso de autodefesa em 1957 permanece como exemplo de precisão argumentativa: agressivo, sim, mas intelectualmente armado.

Hoje, porém, a paisagem é outra. O plenário transformou-se

em estúdio de gravação para TikTok. Os discursos não são mais feitos para convencer pares ou espelhar as necessidades da população: são roteiros para clipes de quinze segundos, embalados por legendas chamativas e emojis de indignação. Deputados como Nicolas Ferreira, Sargento Nunes Cavalcante, André Janones entre tantos outros disputam quem entrega a fala mais inflamável, não a mais lúcida. A meta não é formular um raciocínio, mas produzir “engajamento”. O resultado é uma sucessão de bravatas, memes instantâneos e falas que, no dia seguinte, já perderam valor, como stories que expiram.

O advento das redes sociais alterou não apenas a forma, mas a essência da comunicação po-

lítica. O ódio, a ironia e a hipérbole tornaram-se moeda de entretenimento. A arquitetura das plataformas recompensa o choque, a ofensa, a frase recortável, punindo a complexidade que exige paciência. O discurso que poderia ser reflexão vira combustível de cliques. O parlamentar que ousa falar com nuance corre o risco de ser invisível; e quem grita, de ser trend.

Não se trata de nostalgia vazia. A degradação da oratória é também a erosão da democracia. Quando o Parlamento abdica do verbo robusto e do argumento consistente, entrega à máquina do marketing digital o poder de moldar a opinião pública. A cidadania perde a chance de se educar pelo

debate, e a política se rebaixa a espetáculo de barulho. Se olharmos as propostas que emergiram da Câmara dos Deputados nas últimas semanas, teremos a certeza disso.

Recuperar a grande oratória não significa replicar a cadência de Ruy Barbosa ou a solenidade de Ulysses, mas resgatar o compromisso com a substância. É exigir preparo intelectual, coragem moral e respeito ao tempo do argumento. Como lembrou o notável orador Ruy Barbosa, “o direito dos mais miseráveis não é menos sagrado que o do mais alto dos poderes”. Para que essa verdade não se perca no ruído das timelines, o Congresso precisa reencontrar a sua voz: não a que viraliza, mas a que permanece.



De saúde à segurança: as datas e fatos de outubro

Os primeiros feriados são nacionais, no dia 12: das Crianças e de Nossa Senhora Aparecida

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

O antepenúltimo mês do ano chega com um feriado nacional de origem católica, uma das campanhas de conscientização mais consolidadas do país, datas em homenagem a algumas profissões e celebrações que chamam atenção para questões de saúde.

O mês já começa com a campanha Outubro Rosa. O movimento internacional criado na década de 1990 para conscientizar sobre a prevenção e o diagnóstico precoce do câncer de mama. Além da iluminação de monumentos com a cor rosa, mutirões são organizados para diagnosticar a doença. O Outubro Rosa é marcado, também, para reforçar a importância da prevenção do câncer de mama - a doença que já registrou mais de 500 novos casos no estado do Espírito Santo.



Outubro Rosa: uma das campanhas mais fortes no país, conscientizando sobre o câncer de mama

Mês de homenagem ao professor em todo país

UMA DATA que é considerada feriado em muitas escolas do país é o Dia do Professor. Celebrada em 15 de outubro, a data presta homenagem àqueles que formam todas as demais profissões, relembrando o decreto de 1827 que estruturou o ensino no Brasil.

No dia 25 de outubro, completam-se 50 anos de uma data que marcou o período da ditadura militar no Brasil. Foi neste dia que morreu o jornalista Vladimir Herzog. A morte dele, em uma unidade do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), tornou-se símbolo da luta pela democracia e liberdade de expressão. Neste ano, a ABI (Associação Brasileira de Imprensa) dedicou a data ao jornalista e a Justiça reconheceu uma indenização à família dele.

SEGURANÇA

Também no dia 10, o Brasil lembra o Dia Nacional de Luta contra a Violência à Mulher, instituído para marcar o protesto histórico realizado em 1980 nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Desde então, a data simboliza resistência e mobilização social contra todas as formas de violência de gênero.

Dados atualizado no dia 1º apontam que em todo território capixaba - somente neste ano - 55 mulheres foram assassinadas e mais 23 foram mortas por feminicídio. Quando se fala sobre violência contra mulher, os dados do Espírito Santo apontam 16.852 casos, com crimes que vão desde calúnia, difamação e injúria aos que estão dentro da Lei Maria da Penha.

Idosos, crianças e fé

EM TERMOS de feriado, temos o 12 de outubro. Neste ano, a data, que é o Dia de Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, cai em um domingo. Neste dia,romeiros se reúnem em missas e renovam sua fé na padroeira do Brasil.

O dia 12 também tem uma das datas mais marcantes do mês: o Dia das Crianças, data que ganhou popularidade a partir de campanhas comerciais nos anos 1960, como explica esta reportagem.

1º de outubro não foi feriado, mas celebrou o Dia Internacional das Pessoas Idosas, instituído pela ONU em 1990 para celebrar o envelhecimen-

to saudável e discutir políticas públicas voltadas a essa população. No Brasil, a data é também conhecida como Dia Nacional do Idoso.

Já no dia 10 de outubro, há a celebração do Dia Mundial da Saúde Mental, criado em 1992 para alertar sobre a importância do cuidado psicológico, prevenção de transtornos e combate ao estigma que envolve o tema.

O Dia Nacional da Vacinação (17/10) reforça a importância da imunização na prevenção de doenças e na proteção coletiva. A data lembra que as vacinas salvam milhões de vidas todos os anos.



IMAGENS ILUSTRATIVAS

O Dia das Crianças e de Nossa Senhora de Aparecida em 12/10

25 anos
ESHOJE

Vamos construir juntos os próximos capítulos dessa

HISTÓRIA?

Brasil tem 60 milhões de pessoas negativadas

Inadimplência fecha junho em 6,2%, registrando aumento de 0,2% comparando a 2024

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

O número de negativados no Brasil cresceu para 60 milhões ao fim do primeiro semestre de 2025, segundo dados da Equifax BoaVista. Em relação ao fim de 2024, o número representa um aumento de 5,5%. Já na comparação com o mesmo período do ano anterior, a alta é de 10,8%.

Considerando a população as 174 milhões de pessoas em idade de trabalhar no país, segundo a Pnad Contínua do segundo trimestre deste ano, os negativados equivalem a 34,5% do total.

Ainda segundo os dados da BoaVista, o índice de inadimplência (atrasos acima de 90 dias) encerrou junho em 6,2%. Na comparação anual, houve queda de 0,7%, mas em relação ao segundo semestre de 2024 houve um aumento de 0,2%.

O birô também apontou nos primeiros seis meses de 2025 houve mais de 450 milhões de pedidos de crédito apoiados pela Equifax, um aumento de 160% em relação

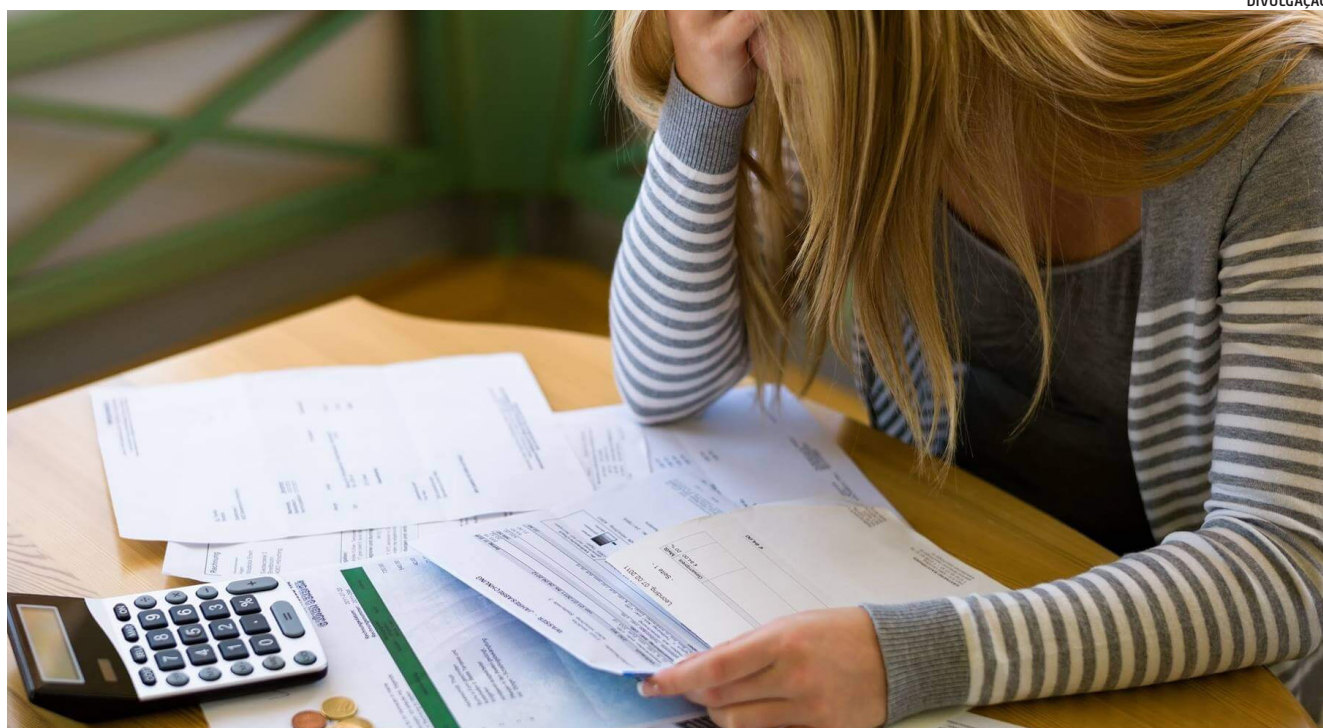
DIVULGAÇÃO



“Pagar suas contas em dia é a regra número um. Mas, em um país como o Brasil, com altas taxas de juros, pode ficar realmente complicado”

Henrique Freire de Moraes

Com relação a famílias com contas a vencer, o percentual subiu pelo sétimo mês seguido, de 78,5% para em agosto, o maior desde novembro de 2022 (78,9%)



DIVULGAÇÃO

ao mesmo período do ano passado.

Ao todo, cerca de 124 milhões de novas linhas de crédito foram concedidas a 92 milhões de consumidores. Considerando os créditos ativos, em junho havia 375,6 milhões de empréstimos a 173 milhões de consumidores.

Já as negativções no período somaram 169,5 milhões, um aumento de 12,5% em relação a junho de 2024 e de 6% em relação a dezembro.

Segundo a CNC (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo), os consumidores com contas em atraso subiu de 30% em julho para 30,4% em agosto, maior nível de inadimplência da série histórica, iniciada em 2010.

Com relação a famílias com contas a vencer, o percentual subiu pelo sétimo mês seguido, de 78,5% para em agosto, o maior desde novembro de 2022 (78,9%).

Segundo Henrique Freire de Moraes, CEO da Equifax Boa Vista, o endividamento está estável.

"Não vimos um grande salto nesse número nos últimos dois anos, não vimos um grande aumento nesse número."

O birô estima que o brasileiro tenha, em média, 74% de sua renda comprometida com créditos a pagar, o que inclui as faturas de cartão de crédito e parcelas mensais de crédito pessoal e financia-

mentos.

Já o score de crédito é, em média, de 531 pontos. O indicador de zero a mil indica a probabilidade de um consumidor pagar suas contas em dia. Quanto maior a pontuação, maiores as chances de conseguir aprovação em empréstimos, financiamentos e cartões.

Para montar a pontuação, os birôs consultam o Cadastro Positivo e o Banco Central e analisam a regularidade nos pagamentos. Se aluguel, celular, streaming, gás, água, luz e outras contas são pagas em dia com frequência, a nota aumenta.

Do lado negativo, além de atrasar dívidas, ir atrás de mais crédito enquanto está endividado também pode impactar o score.

"Pagar suas contas em dia é a regra número um. Mas, em um país como o Brasil, com altas taxas de juros, pode ficar realmente complicado quando você começa a se endividar e entra no rotativo do cartão de crédito, por exemplo. Pode virar uma bola de neve", diz Moraes.

Segundo ele, o Pix Parcelado, em desenvolvimento pelo Banco Central, também pode ser um aliado na redução de juros cobrados.

"Hoje, os cinco grandes bancos concentram 80% dos empréstimos no Brasil e, com essa nova tecnologia, a concessão de crédito começará a ser descentralizada".

Construção pesada vê alta de preço

O SETOR de construção pesada deverá viver momentos delicados nos próximos anos diante do volume de concessões de obras públicas previstas por governos federais, estaduais e municipais.

O bom momento do mercado de infraestrutura combina o aumento no investimento privado em áreas como logística (rodovias, portos, ferrovias) e saneamento e o amadurecimento dos instrumentos de concessões e PPPs (parcerias público-privadas), atraindo novos financiadores brasileiros e empresas estrangeiras.

Os investimentos em infraestrutura em 2024 já bateram o pico que havia sido registrado em 2014. Em 2024, a Abdib (Associação Brasileira de Infraestrutura e Indústrias de Base) calcula R\$ 259,3 bilhões em investimentos, R\$ 197,1 bilhões deles via capital privado. Dez anos antes, foram R\$ 239,7 bilhões em valores atualizados pela inflação.

As notícias são boas, mas a preocupação entre agentes do mercado -advogados, consultores, construtores e fundos- é se haverá quem execute essas obras todas. Para alguns, leilões recentes sem lances ou com pouca concorrência já apontam para as dificuldades do setor em estruturar boas propostas e conseguir todas as garantias.

A construção pesada, diz Mi-

guel Noronha, da Abdib, é o que tangibiliza os investimentos em infraestrutura. Coordenador do comitê de construção pesada da entidade, ele calcula que já estejam contratados R\$ 120 bilhões apenas para rodovias. Até 2029, a estimativa é que somente o setor privado invista cerca de R\$ 370 bilhões em infraestrutura.

"Obviamente isso vem com uma demanda enorme por construção pesada. Todavia, quando a gente olha o setor, o quadro ainda é de reestruturação", afirma.

O marco para o encolhimento foi a operação Lava Jato, que desarticulou esquema de corrupção na Petrobras. À época, grandes empreiteiras lideravam os consórcios e encabeçavam as concorrências.

Passada a operação, companhias deixaram o mercado. Quem ficou enxugou estrutura, vendeu ativos, criou mecanismos de governança e controle e concentrou esforços no "core business". Elas já não têm, entretanto, fôlego para liderar as concorrências, que precisam ser contratadas por quem venceu.

O cenário começa a mudar, mas os passos são lentos. O que pode acontecer no decorrer do próximo ano e dos seguintes é os preços das obras aumentarem, puxados pela concorrência maior e por salários mais altos para a mão de obra.

Arte comunitária, memória e a valorização capixaba

MAPES reúne um acervo diverso que inclui peças de barro, livros, documentos das panelleiras

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

O Museu de Arte das Panelleiras do Espírito Santo (MAPES) é um espaço comunitário dedicado à preservação, à memória e à valorização das panelleiras de Goiabeiras, reconhecidas como protagonistas de uma tradição ancestral que constitui parte fundamental da identidade cultural capixaba. Mais do que um simples repositório de objetos, o museu se firma como território vivo, onde arte, cultura e ancestralidade se entrelaçam em diálogo com a comunidade local e com a sociedade em geral.

Idealizado por André Sopon e Lucas Martins a partir de experiências em museologia social, o MAPES reúne um acervo diverso que inclui peças de barro, livros, documentos, instrumentos musicais, fotografias e indumentárias, compondo um panorama da história e do fazer artístico das panelleiras. Com forte caráter pedagógico e coletivo, o museu promove oficinas, exposições e encontros culturais, reforçando sua função política, social e educativa.

Nesta entrevista, Lucas explica como o MAPES representa um ato de resistência cultural e de afirmação da identidade capixaba.



DIVULGAÇÃO

“O MAPES segue buscando oferecer suporte técnico às panelleiras e à comunidade”

ES Hoje: O que motivou a criação do MAPES?

Lucas: A motivação surgiu em janeiro de 2022, quando minha tia, Josiana Duarte de Andrade,



DIVULGAÇÃO

MAPES reúne acervo que inclui peças de barro, livros e documentos da história artística das panelleiras

me entregou uma panela de barro confeccionada em 1988 pela panelleira Silvia Campos Duarte (in memoriam), sua cunhada, para compor a decoração do Espaço de Arte e Cultura Babado. Pouco depois, adquiri também um disco de vinil da Banda de Congo Panela de Barro, de 1980, na qual mulheres da família de Silvia, igualmente panelleiras, atuavam como cantadeiras. Esses dois objetos, que carregam memórias afetivas e culturais, se tornaram as primeiras peças do acervo e evidenciaram a urgência de criar um espaço museal dedicado à preservação, valorização e difusão da memória e do legado das panelleiras de Goiabeiras.

Quem são os idealizadores e qual foi sua inspiração?

Eu e André Sopon Pereira somos os idealizadores do MAPES. A inspiração surgiu a partir de um curso de museologia social oferecido pelo Instituto Brasileiro de Museus e pela Secretaria de Cultura do Espírito Santo, que possibilitou o entendimento do movimento de artístico e social que estávamos dialogando com Goiabeiras.

Como o MAPES se relaciona com a comunidade?

Enquanto esteve sediado no Espaço de Arte e Cultura Babado, em Goiabeiras, a relação do MAPES com a comunidade ia muito além da doação de peças para o acervo. O espaço sempre esteve aberto e disponível, recebendo eventos de caráter cultural, social, educacional e até de saúde pública. As próprias panelleiras utilizaram o local para reuniões importantes com o poder público, comemorações e encontros comunitários. Atualmente, na perspectiva do trabalho extramuros, o MAPES segue buscando fortalecer essa relação ao oferecer suporte técnico às panelleiras e à comunidade, seja auxiliando em inscrições de editais culturais, participando de reuniões com instituições e órgãos da cultura, ou atuando na captação de recursos para projetos que beneficiem a tradição.

Que tipos de acervo podem ser encontrados no museu?

Bonecos de barro da panelleira Ana Ferreira da Conceição, mais conhecida como Mãe Ana (in memoriam), expostos por ela na Galeria Villa Rica, em Copacabana, em 1963; Uma puíta e um tambor de congo da Panela de Barro, utilizados em uma congada do final do século XIX, segundo registros

históricos; Buiões de barro confeccionados em 1973 e 1998 por Cecília Jesus Santos e Decoclecina Alves de Jesus (in memoriam); Um extenso acervo literário sobre o Ofício das Panelleiras; Casacas dos Mestres de Congo de Goiabeiras, datadas da década de 1970; Além de diversas peças de panelleiras já falecidas e de outras que ainda mantêm viva a tradição.

De que forma o MAPES reconhece a autoria das panelleiras?

A partir das particularidades presentes em cada etapa do processo. Cada mulher imprime uma identidade própria na modelagem, no polimento e até na forma de adornar as peças, como se fossem marcas de registro. São diferenças perceptíveis no acabamento e na estética, que revelam estilos singulares e modos de fazer. Essa experiência de reconhecimento foi construída ao longo do tempo, pela observação da feita das peças. Há panelleiras que se especializam em objetos pequenos, outras em peças maiores ou mais elaboradas, e também aquelas que produzem em grande quantidade. Mesmo quando artesãos criam objetos diferentes das panelleiras tradicionais, ainda assim é possível identificar a autoria pela ma-

neira única de lidar com o barro.

Quem participa do núcleo pedagógico do MAPES?

Todos os integrantes do museu colaboram, de alguma forma, com as ações pedagógicas. No entanto, o núcleo pedagógico do MAPES é composto principalmente por algumas panelleiras: Josimere Lima Lucidato (presidente do MAPES), Jaqueline Gomes Campos, Rosinea Alvarenga de Siqueira, Cecília de Jesus Santos e Mariane Silva Santos.

Quais desafios o MAPES enfrenta para valorizar a arte das panelleiras em meio às pressões do mercado e do materialismo?

O da arte-educação, a cultura e a valorização das comunidades tradicionais em contraposição à lógica do capital, que tende a atribuir mais importância aos objetos do que às pessoas. Embora seja evidente que toda produção material só existe graças ao trabalho humano, essa relação é frequentemente marcada por contradições e processos de desumanização. Além disso, o foco dos empresários gastronômicos e do poder público está voltado sobretudo para o turismo associado à culinária capixaba e à panela de barro, e não para a valorização das próprias panelleiras que mantêm vivo esse saber tradicional.

Qual é o impacto do MAPES na valorização das panelleiras como patrimônio cultural?

Principalmente no fortalecimento da comunidade, promovendo pertencimento, valorização e autoestima para as futuras gerações — especialmente em um contexto no qual muitos filhos das panelleiras não demonstram interesse em dar continuidade ao Ofício. Ainda hoje, as panelleiras lutam por reconhecimento e valorização enquanto sujeitos de saber e de cultura. Por meio de denúncias e ações de mobilização, o MAPES conseguiu chamar a atenção para demandas importantes, como a reforma do Galpão das Panelleiras e o transporte para participação em eventos. Dessa forma, o trabalho do museu contribui para que essas mulheres sejam vistas, ouvidas e reconhecidas verdadeiramente.

Quais são os planos futuros do MAPES?

Em curto prazo avançar no processo de institucionalização, fortalecendo sua atuação enquanto museu comunitário. A médio e longo prazo, o objetivo é conquistar uma sede definitiva,